



Emoções, Corpo e Comunicação: por uma lógica da afetividade

Resenha sobre “Antropologia das Emoções”. David Le Breton. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

Bruna Motta dos Santos¹

Na sociedade ocidental moderna, as experiências relacionadas aos sentimentos e emoções têm sido frequentemente relegadas ao âmbito mais íntimo da vida dos sujeitos, concebidas como uma esfera oposta à razão, associadas ao descontrole e compreendidas como fenômenos naturais, cuja origem estaria condicionada à fisiologia humana, pertencendo, por esta razão, à ordem do universal. Contudo, colocadas sob uma perspectiva antropológica, as maneiras de sentir, expressar e mobilizar as emoções passam a ser compreendidas como fenômenos sociais e culturais, variáveis a depender do contexto considerado e vinculadas às visões de mundo específicas de cada grupo social. Na obra *Antropologia das Emoções*², o antropólogo francês David Le Breton se propõe a discorrer acerca destas questões, pensando as experiências e expressões emocionais não como fenômenos espontâneos e reduzidos à dimensão biológica, mas como elementos ritualmente organizados. Discutindo as emoções, a forma como elas emergem e sua estreita relação com a corporeidade dos sujeitos, o livro reflete seus trabalhos anteriores em Antropologia e Sociologia do corpo³, estudos pelos quais se tornou amplamente conhecido, cujas percepções ecoam ao longo dos seis capítulos da obra aqui tratada.

No primeiro capítulo, denominado “Corpo e Simbolismo social”, Le Breton recorre ao fenômeno das “crianças selvagens”, no intento de demonstrar o estatuto social e cultural do corpo e a importância da presença do outro no processo de construção da corporalidade. Ao examinar casos de isolamento social, por intermédio de relatos de trajetórias de crianças acolhidas por animais ou

¹Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

²A obra foi originalmente publicada em língua francesa com o título “Les passions ordinaires: anthropologies des émotions”, em 1998.

³Entre as obras traduzidas para o português, podemos citar “A Sociologia do Corpo” (2012) e “Antropologia do Corpo e Modernidade” (2013) e “Antropologia dos Sentidos” (2016).

daquelas que haviam permanecido privadas da presença de outros humanos, o autor discute a centralidade da educação no processo de incorporação da ordem simbólica, responsável por firmar a criança no sistema de sentidos de seu grupo. Segundo o autor, a experiência corporal como parte da simbologia de dada coletividade integra este aprendizado, por meio do qual são moldadas as gestualidades, as expressões de sentimentos e as percepções sensoriais, de acordo com uma cultura corporal particular. Nesse processo, a necessidade da presença do outro se faz constante, uma vez que, na impossibilidade de apreensão espontânea, a simbólica corporal só pode ser adquirida através da mediação de outros sujeitos, que por meio da educação transformam a maneira como aqueles se relacionam com o mundo e com os outros ao seu redor.

Nesta perspectiva, Le Breton explica que, ao nos relacionarmos com outrem, empregamos uma série de movimentos corporais, posturas e gestos regidos por normas sociais e culturais que orientam a maneira mais adequada de nos comportarmos de acordo com as diferentes situações. Dada a função significativa que exercem, transmitindo sentidos particulares durante as interações, os movimentos corporais passam a se constituir em uma forma de comunicação que só pode ser compreendida conforme seu contexto de origem. É seguindo esta direção que, no segundo capítulo, “Corpo e comunicação”, o antropólogo se dedica a discutir o lugar do corpo nas interações, sobretudo às relacionadas aos sentimentos e às emoções, apontando como rosto e corpo desvelam as experiências emocionais, manifestando e tornando inteligíveis os sinais que denotam sua experimentação. Em outras palavras, a relação entre corpo e emoção não estaria fundada em uma dimensão naturalizada, mas no simbolismo através do qual o corpo se torna um comunicador das experiências emocionais. Segundo Le Breton, é por intermédio de sua corporeidade que os sujeitos exprimem e comunicam aquilo que sentem aos outros durante suas relações cotidianas, através da mobilização de diversos signos e códigos próprios de um repertório cultural particular.

Entretanto, os repertórios culturais não fundamentam somente a forma como se expressa corporalmente uma emoção, eles estão no

cerne de sua emergência e experimentação, ao formarem a cultura afetiva que abarca o sistema de significados e valores que fundamentam as expressões e experiências emocionais. Segundo Le Breton, os sujeitos se veem constantemente tocados pelos acontecimentos que vivenciam no curso de suas ações e relações cotidianas, e a maneira como tais acontecimentos serão sentidos afetivamente oscilará de tempos em tempos e de sociedade para sociedade. Assim, no capítulo três, intitulado “Antropologia das Emoções I”, o autor aponta como as experiências emocionais estão atravessadas por interpretações, ao serem tributárias da avaliação que determinado grupo atribui a um acontecimento. Dito de outro modo, as emoções e sentimentos se originam da relação com um objeto, ou seja, de como os atores definem e compreendem as situações que enfrentam em seu cotidiano, uma avaliação que dependerá de valores culturais particulares. O significado cultural atribuído a dado evento – como no caso da morte, por exemplo – estabelecerá quais emoções estarão em conformidade com aquela ocasião, bem como as maneiras adequadas de descrevê-las e manifestá-las, sendo socialmente demarcadas não somente em sua gestualidade, mas em sua forma, intensidade e duração.

O empenho de Le Breton em reforçar, ao longo de toda a obra, o caráter social e cultural do corpo e das emoções se justifica quando alcançamos o quarto capítulo do livro, “Antropologia das Emoções 2 – Crítica da razão naturalista”. Segundo argumenta o antropólogo, as análises naturalistas sobre o tema partem do pressuposto de que as emoções seriam parte de uma universalidade biológica do humano, cuja origem estaria vinculada à anatomofisiologia, sendo percebidas como estados absolutos e imutáveis. Assim, ao enfatizarem a dimensão biológica, estas abordagens colocam de lado a esfera do simbólico, dissolvendo as particularidades sociais e culturais e separando corpo e emoção da experiência real dos sujeitos. Contudo, o que o autor busca destacar é precisamente o contrário. Para o antropólogo francês, as emoções não seriam substâncias ou processos fisiológicos invariáveis de sociedade a sociedade, mas aspectos contextuais e transitórios, fundadas em valores e convenções próprias de um grupo social particular.

Prosseguindo nas discussões acerca das convenções sociais e sua relação com a corporalidade e as emoções, o quinto capítulo do livro, “Ver o outro: olhar e interação”, aborda o ritualismo dos olhares durante as relações tecidas entre os sujeitos, apontando como significados e regras específicas regem as trocas de olhares no decorrer das interações e como diferentes cenários implicarão em modos distintos de interagir visualmente. Para o autor, os olhos são responsáveis por captar sentidos intercambiados entre os sujeitos e por difundir informações, integrando a comunicação operada pelo corpo. Assim, tal como os movimentos corporais, o contato de olhares evidencia o tom afetivo de certa ocasião, seja pela forma como se olha, quanto pelo tempo e a direção do olhar, fazendo com que ele seja entendido também como uma experiência emocional. Desse modo, entrar em contato visual com o outro pode indicar reconhecimento, mas, também, sinalizar a sua contestação ou negação. Nas palavras do autor: “Não fixar o outro é como riscá-lo do mapa simbolicamente, rejeitá-lo ou considerar seu rosto insignificante, isto é: vilificá-lo no meio social”. (LE BRETON, 2019, p. 291).

Se durante todo o percurso da obra, Le Breton define o corpo como o palco onde as emoções se tornariam compreensíveis aos olhos dos outros, o sexto e último capítulo do livro é dedicado à discussão de sua plasticidade. Em “O paradoxo do ator: esboço de uma antropologia do corpo em cena”, o antropólogo discorre sobre como as expressões emocionais podem ser dissimuladas e previstas de acordo com os anseios dos sujeitos e, para tal empreendimento, trata do ofício de atrizes e atores. Segundo argumenta o autor, estes profissionais possuem a habilidade de bloquear suas afetividades individuais para que estas deem lugar às emoções dos personagens que interpretam, transformando seu próprio corpo e aquilo que sentem a partir da mobilização adequada dos sinais e códigos sociais. Para Le Breton, o ator é o profissional da duplicidade, pois possui a habilidade de acionar emoções distintas e temporárias em situações determinadas, seguindo as exigências do papel que interpreta, uma habilidade que só pode efetivar-se porque as emoções são social e culturalmente construídas. O paradoxo do ator consiste, assim, “no paradoxo do simbolismo corporal,

o prolongamento da peculiaridade humana de exhibir aos demais unicamente os significados almejados”. (LE BRETON, 2019, p. 306).

Tomando a abordagem da relação entre corporalidade e comunicação como fio condutor de sua obra, Le Breton percorre os caminhos de uma antropologia das emoções entrelaçada a uma antropologia do corpo. Ao conceber o corpo enquanto um produtor de significados através do qual os sujeitos vivenciam e dão significado às suas relações e ao mundo ao seu redor, o autor nos concede importantes contribuições acerca de como experimentamos e comunicamos nossas emoções de maneira corporificada. Contudo, na análise do antropólogo, tal relação não poderia efetivar-se de maneira naturalizada, pautada na fisiologia humana. Ao contrário, as emoções são abordadas como uma atividade de conhecimento; são pensamentos em ação que, ordenados de acordo com sistemas simbólicos particulares, estabelecerão como os sujeitos experimentarão afetivamente os acontecimentos que vivenciam em seu cotidiano. Elas são detentoras de uma inteligibilidade própria, de “uma lógica que a ela se impõe” (p. 138). Nesta perspectiva, emoção e razão se atravessam no curso das experiências dos sujeitos, influenciando-se mutuamente e obedecendo a lógicas pessoais e sociais. Em suma, analisar as emoções sob uma perspectiva antropológica mostra-nos como tais experiências estão articuladas a múltiplas dimensões da vida social, enquanto constructos referidos ao contexto ocupado pelos atores, suas histórias e interpretações pessoais e que muito pode revelar acerca das práticas, visões de mundo e categorias simbólicas mobilizadas em suas vivências cotidianas.